

Boletim

Nº 2.004 - Ano 44 - 5 de fevereiro de 2018

UNIVERSOS EM EXPANSÃO

A noção de que intelectos, corpos e matrizes culturais estão em constante expansão orienta as atividades do 12º Festival de Verão da UFMG, que se realiza nesta semana, em Belo Horizonte. Oficinas, palestras e espetáculos vão inspirar novas formas de entender a produção de conhecimento e o papel das tecnologias sobre a percepção que as pessoas têm da própria vida.

Páginas 4 e 5

Pesquisa aborda antiga
irmandade de negros de BH

Página 8

Devido ao recesso de Carnaval, o BOLETIM
voltará a circular no dia 19 de fevereiro

Sisu: **ESCOLHAS** e **NÃO OCUPAÇÃO**

Brécia Nonato* e Thainara Castro**

A lista de aprovados na primeira chamada do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) foi divulgada em 29 de janeiro, e os aprovados já estão em vias de realizar a matrícula. O Sisu se propõe a facilitar a inserção no ensino superior ao condensar numa mesma plataforma as informações sobre oferta de vagas e demanda dos candidatos, mas isso não torna o processo de escolha mais simples, pelo contrário. Diferentemente do vestibular tradicional, no Sisu o candidato escolhe o curso e a instituição já ciente das suas notas, o que diminui a incerteza quanto às suas possibilidades de ingresso. Este panorama gerou mudanças significativas no modo como as escolhas são construídas.

Há poucos estudos dedicados a debater a indução promovida pelo Sisu, e acreditamos ser impossível ignorar dois aspectos: a pressão sofrida pelos estudantes durante o processo seletivo e a forma como o sistema apresenta, ou não, as possibilidades de êxito, de acordo com as notas dos demais concorrentes.

Durante o processo seletivo, que, usualmente, tem duração de quatro dias, o estudante passa por momentos de grande apreensão. Ele é levado a jogar com o sistema. Existem situações nas quais, em razão de uma nota menor que a esperada no Enem ou de uma nota de corte maior que a do ano anterior, o estudante se vê, já no momento de selecionar o curso e a instituição, na iminência de reconsiderar suas escolhas ou aguardar mais um ano para realizar a próxima edição do Enem. A observação dessas situações evidencia que, no calor do momento, muitos estudantes fazem a “escolha” pelo curso que seja compatível com sua nota e não com seu desejo inicial.

Ao acompanhar estudantes que buscaram se inserir em uma universidade nesses últimos anos, observamos várias modificações em relação à opção de curso e instituição, em função do recorte da nota. Alguns casos foram emblemáticos. Por exemplo, se antes o desejo era Medicina Veterinária na UFMG, após o conhecimento da nota do Enem e simulações via Sisu, a escolha final foi Educação Física na Uemg. Da mesma forma, houve migração de Medicina para Enfermagem e de Administração para Pedagogia. Visto que a possibilidade de manipular o sistema e reorientar as escolhas não elimina a competitividade, a maioria não se inseriu em curso algum. São muitos candidatos e poucas vagas. Como em qualquer jogo, poucos são os ganhadores, e, no caso do Sisu, nem sempre quem ganha recebe o prêmio desejado.

Passada a agitação do período de escolha no sistema, o estudante aprovado no Sisu tende a refletir sobre suas preferências. Caso o curso de aprovação não seja aquele preferido, a situação torna-se delicada. O papel da família, nesse momento, é fundamental no sentido de avaliar os custos, riscos e benefícios de escolhas, de certa forma induzidas pelo Sisu, sistema que promete, entre outras coisas, a otimização do preenchimento das vagas.

A partir daí, temos um primeiro perfil de estudante desistente, aquele que, ao reavaliar a graduação para a qual foi aprovado, antes mesmo da matrícula, desiste de cursá-la. Nesses casos, ele pode

prestar outros concursos em instituições públicas e privadas. Nas instituições privadas, há, ainda, para os estudantes de baixa renda, a possibilidade de iniciar um “novo jogo”, em plataforma similar ao Sisu, pleiteando bolsas de estudos em faculdades particulares, por meio do Prouni.

Um segundo perfil de “desistente” é o do estudante que, mesmo já estando no ensino superior, realiza o Enem, em busca de melhores oportunidades. É comum haver estudantes oriundos de faculdades particulares que buscam a mudança para instituições públicas e aqueles matriculados em instituições públicas que desejam mudar de curso e/ou instituição. Entre esses estudantes, temos observado que, ao avaliarem que o objetivo não será alcançado, com o intuito simplesmente de “jogar”, realizam inscrições em cursos nos quais têm condição de aprovação, mas não têm a menor intenção de se matricularem.

Uma terceira situação é aquela em que estudantes já aprovados na primeira edição anual do Sisu se inscrevem novamente para a segunda edição, mesmo sem o objetivo de ingressar em outro curso. Nesse caso, o objetivo é “brincar com o sistema” e mostrar que é possível passar em outra graduação ou instituição. Como não há qualquer sanção, esses candidatos se inserem novamente no processo sem ponderar as consequências para os demais candidatos.

Aqueles que optam por uma modalidade de cotas, mesmo sem atender aos critérios legais, podem ser enquadrados na terceira hipótese entre os casos de não efetivação da matrícula. Nessa situação, o próprio candidato pode não fazer a matrícula, ou, ainda, a documentação pode não ser validada pela universidade, devido a problemas quanto aos critérios.

Além desses casos, há também todos aqueles que haviam ingressado para a segunda opção e que aguardavam na lista de espera para o curso indicado na primeira opção. Uma vez que o estudante é convocado para o curso que aguardava, libera-se uma nova vaga. Sob essa lógica, a migração de um curso para outro dentro e entre instituições tornou-se algo muito mais comum, ou seja, a lista de espera tem implicações diretas no fluxo e na relação entre as instituições de ensino superior, assim como entre os diferentes cursos dentro de uma mesma universidade.

Essas desistências deixam “cadeiras vazias”, as quais, quando não ocupadas em tempo hábil, juntam-se a outras criadas pela evasão e “engrossam o caldo” das vagas remanescentes na rede federal (em 2016, segundo o MEC, foram mais de 84 mil vagas, ou 26,5% do total). Tudo isso parece indicar um grande desencontro entre oferta, demanda e interesse dos estudantes. Algo precisa ser feito sobre isso.

* Doutoranda em Educação na UFMG, professora da educação básica e pesquisadora do Observatório da Juventude da UFMG e do Observatório Sociológico Família Escola

** Mestranda em Educação na UFMG, professora da educação básica e pesquisadora do Observatório Sociológico Família Escola

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Outras **EXPERTISES**

Chamada inédita abrirá 50 vagas de caráter temporário para professores brasileiros e estrangeiros

Ana Rita Araújo

No dia 16 de fevereiro, será publicada a primeira chamada do Programa Professor Visitante, que abre 50 vagas para que a UFMG receba pesquisadores brasileiros e estrangeiros de reconhecida competência e liderança em suas áreas de atuação, capazes de contribuir para introdução ou consolidação de inovações no ensino, na pesquisa e na extensão.

Os contratos terão vigência máxima de dois anos, renovável por mais dois, para os estrangeiros, e de um ano, com opção por mais um, para brasileiros. Em ambos os casos, as temporadas terão duração mínima de dois meses. As propostas deverão ser encaminhadas por meio de sistema de submissão on-line que será divulgado na página da Pró-reitoria de Pesquisa (PRPq).

“A Universidade poderá contar, por período determinado, com *expertises* que ela não possui em seu corpo docente. A imersão dos visitantes estabelece um vínculo mais forte e pode resultar em parcerias de longo prazo, o que é ideal para um processo de internacionalização sustentável”, afirma a pró-reitora de Pós-graduação, Denise Trombert de Oliveira.

As propostas, que serão avaliadas por comissão indicada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), devem ser encaminhadas até 2 de abril. Trinta por cento das vagas serão reservadas e distribuídas igualmente entre as propostas oriundas de programas de extensão, de colegiados de cursos de graduação e de colegiados de programas de pós-graduação. As outras 35 vagas serão distribuídas por mérito, independentemente da área proponente.

Recursos humanos

O novo programa constitui instrumento de execução da política de desenvolvimento acadêmico da UFMG e visa contribuir para a consolidação e o aprimoramento de seus cursos, programas e projetos de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão.

Denise Trombert lembra que, no campo da pesquisa, por exemplo, nem sempre é possível contratar professores com perfis de excelência em todas as áreas e ênfases de que a pós-graduação precisa, e a contratação temporária possibilitará à UFMG contar com esses especialistas. As parcerias resultantes dessa permanência, diz a pró-reitora, vão

além de projetos pontuais e atendem a critérios das agências de fomento, que estimulam parcerias de longo prazo. “Abrem ainda a possibilidade para que os nossos alunos saiam para fazer doutorado sanduíche no exterior e para a cotutela”, acrescenta. “Tudo isso gera indicadores de qualidade e oxigena a Universidade, que passa a contar com profissionais de origens e experiências diversas. Isso é impagável”, avalia a pró-reitora.

Base legal

O Programa Professor Visitante foi redigido por comissão formada pelos pró-reitores acadêmicos – Ricardo Takahashi, de Graduação, Denise Trombert, de Pós-graduação, Ado Jorio, de Pesquisa, e Benigna Oliveira, de Extensão – e pela presidente da Comissão Permanente do Pessoal Docente (CPPD), Ana Maria Gontijo Figueiredo. “Houve muito cuidado com o embasamento legal”, observa Denise Trombert.

Comissão específica que será designada pelo Cepe fará o enquadramento do professor visitante com base nas indicações da câmara do departamento ao qual estará vinculado, para fins de equivalência da remuneração, equiparando-o ao professor associado ou ao professor titular, segundo os parâmetros definidos pela resolução complementar 04/2014, do Conselho Universitário. O contratado estará submetido ao regime de trabalho de 40 horas semanais com dedicação exclusiva.

O programa atende à legislação pertinente, em especial às leis 8.745/93 e 12.772/12 e ao Decreto 7.485/11. Assim, os professores visitantes serão contratados com recursos previstos na legislação federal, a exemplo do que ocorre com efetivos e substitutos.

O processo de atribuição de vagas e seleção dos professores visitantes será desenvolvido em duas etapas: seleção de propostas, cujo resultado deverá ser aprovado pelo Cepe, e escolha dos professores para as propostas aprovadas, por meio de processo simplificado, regulamentado por editais específicos.



Denise Trombert: imersão dos visitantes fortalece vínculos e contribui para processo de internacionalização sustentável

Perfil

O candidato ao Programa Professor Visitante deve ter o grau de doutor há no mínimo dois anos, ser docente ou pesquisador de reconhecida competência e apresentar produção científica relevante, especialmente nos últimos cinco anos. Outros critérios estão especificados no texto da chamada do programa. “As propostas não vão indicar nomes de possíveis visitantes, mas perfis acadêmicos”, explica Denise Trombert.

Além de exposição de motivos, as propostas devem conter objetivos e resultados esperados e detalhamento das atividades planejadas para o professor visitante, que devem incluir docência na graduação e/ou na pós-graduação e participação em projetos de ensino e/ou pesquisa e/ou extensão.

As propostas também deverão incluir cronograma previsto para o desenvolvimento das atividades, critérios para a seleção dos candidatos a ocupar as vagas e carta de anuência do departamento a que o professor visitante estará vinculado. A avaliação por parte da comissão deverá considerar o potencial impacto da proposta na melhoria das atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela UFMG, seu caráter inovador e a viabilidade de execução do cronograma de trabalho.

[Versão reduzida de matéria publicada no Portal UFMG, em 19/1/2018]

REFLEXÕES para a CIDADE

12º Festival de Verão põe em cena poder do conhecimento de transcender limites

Ewerton Martins Ribeiro

Nada – nem ninguém – se mantém igual para sempre: instante após instante, seres e universo ampliam permanentemente as suas fronteiras, ideia que teria sido sintetizada pelo filósofo pré-socrático Heráclito na expressão “a única constante é a mudança”. Essa noção de que intelectos, corpos, identidades, tecnologias, matrizes culturais e arte se expandem é o mote que orienta as atividades do 12º Festival de Verão da UFMG, que será realizado nesta semana (5 a 8 de fevereiro), em Belo Horizonte. Com a temática, a Universidade espera chamar a atenção para a forma como o conhecimento expande a existência e a própria percepção que se tem dela.

“Universos expandidos é um desdobramento do tema do ano passado, *Universos (in)visíveis*”, informa o professor Juarez Guimarães Dias, coordenador geral do Festival. Em 2017, a intenção era revelar os aspectos da realidade que, mesmo ao alcance dos olhos, ficam invisibilizados. “Agora, queremos pensar a forma como se entende a produção de conhecimento e como as tecnologias têm expandido a percepção que temos da nossa própria vida”, diz.

Segundo Juarez Dias, que é professor do Departamento de Comunicação Social da Fafich, a ideia é, também, pôr em discussão os investimentos que a UFMG faz no sentido de expandir, em direção à cidade, o conhecimento que ela mesma produz. “Retomando como ponto de partida a ideia de ‘universos’, vamos falar da expansão das identidades de gênero, das culturas, das etnias e do teatro”, ilustra.

As atividades do 12º Festival de Verão da UFMG estão distribuídas entre o Centro Cultural, o Espaço do Conhecimento, o Conservatório de Música e o campus Saúde, na região centro-sul de Belo Horizonte. A programação cultural inclui espetáculo teatral, de dança e música, além de exposição e intervenção artística. O eixo mais acadêmico do evento está estruturado em oficinas e palestras. A novidade da edição fica por conta da *Residência criativa*, oferecida exclusivamente para crianças (leia mais na página seguinte).

Além dos campi

Por meio de palestras, o Festival de Verão tem levado o ensino da Universidade a se expandir para além de sua comunidade acadêmica, de forma a alcançar o público da cidade que não frequenta os campi da instituição. Mais uma vez, uma série de comunicações será realizada no miniauditório do Conservatório, para possibilitar o diálogo da comunidade da cidade com algumas das mais arrojadas reflexões engendradas no ambiente universitário e fora dele.

“A ideia é levar o conhecimento até outros espaços e públicos que não sejam os exclusivamente acadêmicos. Queremos que a cidade tenha acesso a uma mostra exemplar de nossas atividades. Nesse sentido, o que promovemos com as palestras é uma expansão do conhecimento”, afirma Juarez Guimarães Dias.

Serão duas palestras por dia, reunidas por temáticas, que guardam afinidade entre si. As comunicações da terça-feira, 6, vão tratar da noção de sagrado no cotidiano indígena e do lugar do negro nas artes cênicas. No dia seguinte, quarta, serão abordados o aspecto físico-quântico do processamento, armazenamento e transporte das informações e a ideia de ordenação de saberes em busca do entendimento de nossa relação com o universo e a vida, o chamado “antropocosmos”.

O ciclo de palestras se encerra no dia 8 com duas comunicações. Na primeira sessão, o fotógrafo ativista Gael Benitez vai apresentar seu relato pessoal e convocar outros relatos de pessoas transmasculinas, de forma a promover discussões acadêmicas sobre o assunto. Na sessão seguinte, a professora Maria da Conceição Vieira Moreira, da Faculdade de Medicina, falará sobre a experiência brasileira e mundial de transplante de órgãos. “Pouca gente sabe, mas o Brasil é um dos países com experiências mais bem-sucedidas nessa área”, afirma o coordenador geral.

As palestras serão ministradas em duas sessões consecutivas, às 10h e às 11h. O Conservatório UFMG fica na Avenida Afonso Pena, 1.534, Centro. O Centro Cultural está localizado na Avenida Santos Dumont, 174, em frente à Praça da Estação. O Espaço do Conhecimento fica na Praça da Liberdade, 700, Savassi.

Informações sobre o Festival podem ser obtidas nas redes sociais do evento: Facebook (<http://www.facebook.com/festivaldeverao>), Twitter (<http://twitter.com/festivalufmg>) e Instagram (http://www.instagram.com/festival_ufmg).

Para não perder

A programação cultural será aberta nesta segunda, 5, às 20h, com o show *The Pulso in Chamas*, com músicas e discursos que põem em cena o empoderamento negro e LGBTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais) e a representação da mulher na sociedade.



Festa de encerramento visa à transcendência por meio da dança, sem uso de qualquer tipo de droga

No dia seguinte, 6, terça-feira, o Centro Cultural receberá o espetáculo *Territórios*, da companhia Teatro 171, às 20h. Sob a perspectiva do teatro-documentário, a peça aborda temas complexos, como as invasões de território, a questão dos refugiados e o crime ambiental que resultou na tragédia de Bento Rodrigues. O espetáculo terá nova sessão no dia seguinte, 7, quarta-feira, no mesmo horário e local.

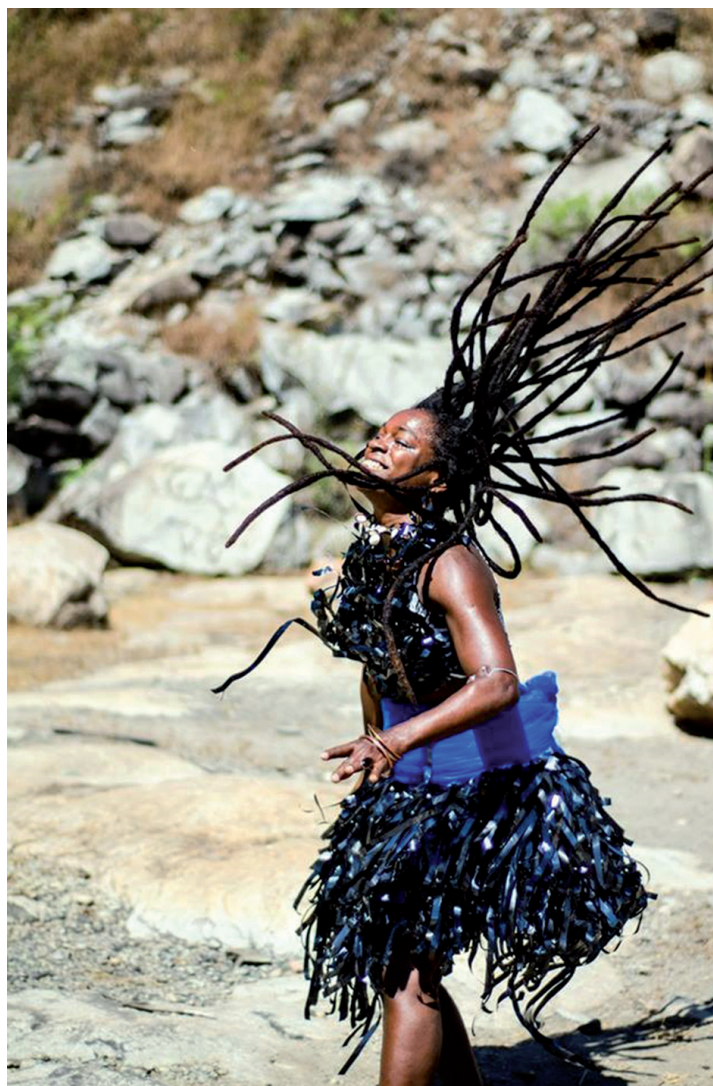
No dia 8, quinta, às 19h, no Conservatório, será apresentado o solo *Corporeidades afro-brasileiras e africanas*, da artista Júnia Bertolino, sucedido por *Encorpore-se*, espécie de festa-ritual focada na dança, que convida os participantes a buscar a transcendência por meio da música e do corpo, sem o uso de qualquer tipo de drogas – nem mesmo as lícitas, como o álcool. Na manhã do mesmo dia, às 9h, o campus Saúde vai sediar a intervenção artística *O nada e várias atoíces*, com concepção e curadoria da mediadora em arte e cultura Ana Marthinica.

Residência criativa

Uma das novidades desta edição é a *Residência criativa*, que está sendo oferecida para meninos e meninas de sete a 12 anos. Em *Cartografias afetivas para crianças – 90 anos UFMG*, esses pesquisadores-mirins serão levados a percorrer a região centro-sul de Belo Horizonte com o objetivo de investigar e inventar modos de cartografar os edifícios mantidos pela UFMG, como o Conservatório, a Escola de Arquitetura, o Centro Cultural, o Espaço do Conhecimento, a Escola de Medicina e a Faculdade de Direito. As inscrições são abertas ao público amplo.

“Nossa ideia é explorar, em cada edifício, algo que tenha a ver com as atividades nele desenvolvidas”, explica o professor Adriano Mattos, da Escola de Arquitetura. “Na Medicina, vamos levar as crianças à área de necrópsia, enquanto no Conservatório faremos atividades relacionadas com o som. Na Arquitetura, pretendemos discutir questões estruturais por meio de exercícios, como especular que estrutura arquitetônica seria necessária para que se pudesse soltar um ovo do segundo andar de um prédio, de forma que ele chegue ao chão sem se quebrar”, exemplifica Mattos.

No primeiro dia, as crianças serão levadas à ocupação Carolina Maria de Jesus, localizada na esquina da Avenida Afonso Pena com a Rua Rio Grande do Norte, na mesma região. “Vamos promover uma interação das crianças da oficina com as da ocupação. Em seguida, faremos o convite para que as crianças da ocupação participem das demais atividades da oficina. Na Faculdade de Direito, nossa intenção é simular, com todas as crianças, uma espécie de julgamento,



Tatiane Martins

Júnia Bertolino vai ministrar oficina sobre corporeidades afro-brasileiras e apresentar espetáculo solo no Conservatório

de forma que elas possam discutir temas relacionados às ocupações e entender melhor o universo em que estão inseridas”, explica.

Adriano Mattos Corrêa ministra a *Residência criativa* junto do ator Gabriel Castro Cavalcante, que pesquisa performances urbanas. Uma mostra final da atividade será apresentada na quinta-feira, 8, às 17h, no Conservatório UFMG.



Fernanda Falabella

Durante intervenção, mediadores oferecem laranjas aos transeuntes

Em todas as direções

As oficinas vão expandir os conhecimentos dos participantes nas mais distintas direções, como a da espiritualidade indígena, da escrita poética, das histórias em quadrinhos, das artes visuais, dos movimentos corporais de referência afro-brasileira, dos ciclos lunares e da coreografia para além da visão.

Duas oficinas tratam especificamente de questões relacionadas ao universo das deficiências: *Criação de material didático para práticas de musicalização para surdos*, destinada a estudantes e profissionais da música, e *Meios de comunicação utilizados com a pessoa surdocega*, aberta ao público amplo.

Os espaços que abrigam as oficinas são o Centro Cultural, o Conservatório e o Espaço do Conhecimento.

Mais que **EXPONENCIAL**

Pesquisadores da Face mostram que conexões internacionais na produção da ciência cresceram muito em 15 anos, mas hierarquia entre instituições e entre países não se alterou

Itamar Rigueira Jr.

Em um período de 15 anos, a partir do ano 2000, as conexões entre países na forma de coautorias em artigos científicos cresceram quase 13 vezes – saíram de 545 mil, em 2000, para mais de 7 milhões, em 2015. E não se vislumbra sinal de limites para esse crescimento.

O dado impressionante encerra uma boa notícia: o aumento do fluxo global de conhecimento incrementa a inovação e gera soluções para diversos problemas, mais ou menos localizados. Chega, porém, acompanhado de uma constatação negativa: o padrão de crescimento se mantém, ou seja, sobrevive o alto grau de hierarquização da rede internacional, em que poucas instituições e países continuam determinando a agenda de pesquisa.

A informação está relacionada a um dos resultados mais relevantes de estudo realizado por pesquisadores da UFMG e do Instituto Nacional de Metrologia (Inmetro), publicado no primeiro número de 2018 da revista *Scientometrics* (<http://bit.ly/2GqexPQ>). E as conclusões do trabalho foram tema de matéria publicada neste mês pela Nature Index (<http://go.nature.com/2DKRrG1>), revista do grupo britânico Nature que avalia indicadores de produção científica.

No artigo *Growth patterns of the network of international collaboration in science*, o grupo formado pela UFMG e pelo Inmetro cumpre mais uma etapa de estudos sobre fluxos de conhecimento transfronteiras. Depois de trabalhar com citações de artigos e patentes, entre outros indicadores, eles mediram, com ajuda de algoritmos criados especialmente para esse fim, os vínculos formados pelas coautorias que envolvem países diferentes.

Comportamento da rede

O ineditismo do estudo está ancorado na grande amplitude da base de dados e na análise da estrutura do comportamento da rede. “A principal contribuição do trabalho foi demonstrar, por meio da observação da rede, que ela se expande preservando uma hierarquia significativa. Em 2015, como em 2000, muitas instituições interagem com pouquíssimas outras, e muito poucas – como as universidades de Oxford e Cambridge, no Reino Unido – conectam-se com uma

grande quantidade. Quase um terço das instituições que aparecem nas assinaturas de artigos tem apenas um link, e apenas uma tem mais de 55 mil”, afirma o professor Eduardo Motta Albuquerque, da Faculdade de Ciências Econômicas (Face). Ele assina o trabalho com a também professora Marcia Siqueira Rapini, o pesquisador Leandro Alves Silva, ambos da Face, e o pesquisador do Instituto Nacional de Metrologia (Inmetro) Leonardo Costa Ribeiro, que tem formação em física pela UFMG até o pós-doutorado.

Ainda de acordo com Albuquerque, um dos problemas da rígida hierarquia é a dificuldade de crescimento dentro da rede. Exemplo disso é a Academia de Ciências da China, que foi a instituição com mais artigos publicados em 2015, mas aparece apenas em 13º lugar no ranking de conectividade. Na mesma linha de raciocínio, a China é o segundo país que mais produz artigos, segundo os dados referentes a 2015, mas o quarto em número de conexões. Os Estados Unidos lideram o ranking, com 273 mil vínculos com 202 países, e a China teve apenas 108 mil conexões, com 173 países.

10 milhões de artigos

Os pesquisadores baixaram cerca de 10 milhões de artigos, de todas as áreas do conhecimento, integrantes do repositório Web of Science. Esses trabalhos foram publicados em 100 mil jornais e revistas, por autores de pouco mais de 163 mil instituições, entre universidades, centros de pesquisa e empresas.

“Os robôs (softwares) trabalharam por seis meses na extração dos dados e também foram utilizados na análise de redes, por meio de ferramentas específicas”, conta Leonardo Costa Ribeiro, responsável pela concepção dos programas. O trabalho baseou-se também em informações e teorias relacionadas à natureza da produção e economia da ciência e ao papel das multinacionais na produção do fluxo internacional de conhecimento, entre outras áreas de estudos.

No que se refere à evolução da incidência de coautorias que extrapolam fronteiras, a pesquisa verificou que, no primeiro ano da série, foi publicado 1,2 milhão de artigos, 10% deles com autores de dois ou mais países; em 2015, foram 2 milhões de *papers*, e o índice de coautorias subiu para 21%. Ou seja, as coautorias cresceram mais que a produção de artigos. Os quase 420 mil artigos com fluxos transnacionais publicados em 2015 equivalem, em ordem de grandeza, ao número total de trabalhos de 1993.

“Nosso estudo confirma a hipótese da emergência de um sistema internacional de inovação, que afeta os sistemas nacionais”, diz Eduardo Albuquerque, ressaltando que estudos comprovam o alto valor das interações envolvidas na produção conjunta de artigos científicos, que são baseadas, em grande parte dos casos, no contato face a face e na confiança.

O professor da Face lembra também que os dados compilados para o estudo recém-publicado não refletem interações internacionais, como os encontros em congressos, que nem sempre se expressam na forma de coautorias. Por isso, os dados sistematizados no artigo aparentemente subestimam a dimensão real das colaborações internacionais.

[Matéria publicada no Portal UFMG, em 29/1/2018]

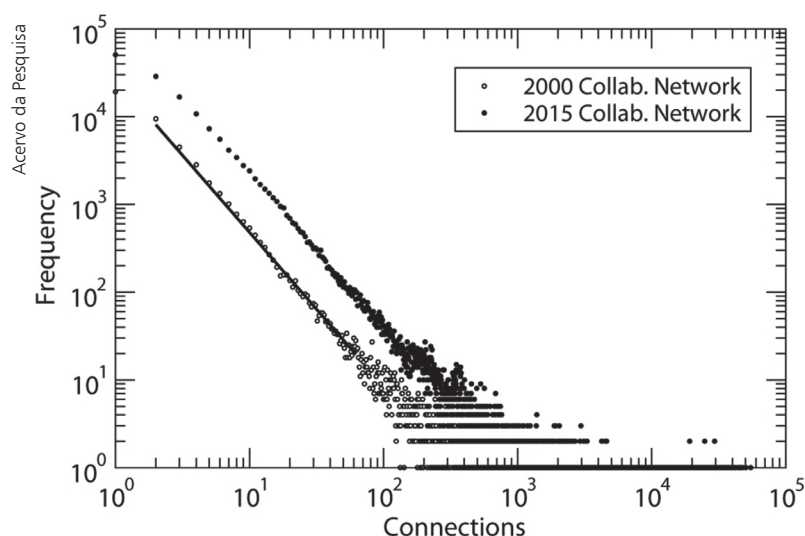


Gráfico produzido pela pesquisa mostra como padrão de comportamento da rede se manteve ao longo de 15 anos

EXTENSÃO EM NATAL

Estão abertas as inscrições para a oitava edição do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU 2018), que será realizado de 28 a 30 de junho, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal. Trata-se do maior encontro brasileiro de extensão com participação de instituições públicas de ensino superior (Ifes). O tema desta edição é *Extensão e sociedade: contextos e potencialidade*.

As inscrições para participação e apresentação de trabalhos deverão ser realizadas até 22 de março. Outras informações e o link para as inscrições estão disponíveis no site do evento (<http://bit.ly/2FwsPNF>).

Na UFMG, a área de extensão registrou, em 2017, 3.309 ações, entre programas, projetos, eventos, cursos e prestações de serviço. As atividades envolveram mais de 2,2 mil professores, quase cinco mil estudantes de graduação e mais de 1,3 mil de pós-graduação. Quase duas mil ações continuam em desenvolvimento neste início de 2018.

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

O British Council abriu chamada para cientistas e pesquisadores interessados em participar da terceira edição do FameLab Brasil, que classifica para uma das principais competições internacionais de comunicação científica do mundo, a FameLab Global. As inscrições terminam no dia 28 de fevereiro, e o vencedor brasileiro viajará até a Inglaterra, com despesas pagas, para a disputa mundial.

Neste ano, o desafio é produzir um vídeo de três minutos para explicar um conceito científico ou tecnológico e mostrar sua importância ou impacto na vida cotidiana. As inscrições podem ser efetuadas no site do British Council (<https://www.britishcouncil.org.br/famelab/participe>).

Os autores dos 30 melhores vídeos serão treinados para se apresentarem, em abril, no Museu do Amanhã, diante de um comitê avaliador. E dez finalistas concorrerão ao grande prêmio, que é a viagem ao Reino Unido, em junho.



Foca Lisboa/UFMG

Flagrante de edição do evento: comunidade voltará ao campus Pampulha em 8 de abril

DOMINGO NO CAMPUS

Servidores docentes, técnico-administrativos e estudantes da UFMG que desejarem promover atividades no âmbito do Domingo no Campus devem enviar suas propostas até 19 de fevereiro. As sugestões selecionadas vão integrar a programação das três edições que serão realizadas neste ano, sendo a primeira no dia 8 de abril. Aberto ao público, o evento ocorrerá no campus Pampulha – gramado da Reitoria, bosque da Escola de Música e Praça de Serviços.

As propostas podem contemplar práticas artísticas e culturais, atividades esportivas e brincadeiras. Não há orçamento para cachês e produção. A seleção será feita pelas pró-reitorias de Extensão e de Assuntos Estudantis. Dúvidas relacionadas ao preenchimento do formulário eletrônico (<http://bit.ly/2nvqon5>) e à infraestrutura disponibilizada podem ser esclarecidas pelo e-mail producaocultural@proex.ufmg.br. Outras informações estão disponíveis na página do evento no Facebook (<http://bit.ly/2qFwdhx>).

ARTES EM OFICINAS

O Centro Cultural UFMG recebe, até 11 de fevereiro, propostas de oficinas que serão realizadas de março a novembro deste ano. As atividades do projeto *Oficina para todos*, que serão ofertadas gratuitamente, deverão abranger as áreas de artes visuais, artes cênicas, literatura, música, patrimônio e memória.

As inscrições são gratuitas. As propostas estão condicionadas ao exame prévio de compatibilidade e interesse do Centro Cultural. Mais informações podem ser obtidas na chamada pública, disponível no site do órgão (<http://bit.ly/2kTBsJx>). Dúvidas deverão ser tratadas pelo email programa@centrocultural.ufmg.br e pelo telefone (31) 3409-8280.

COLABORAÇÃO INTERNACIONAL

O Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (leat) abriu inscrições de indicações para as Cátedras Santander de Estudos Ibero-latino-americanos, para as Cátedras Fundep/leat e para o Programa Professor Residente.

Com inscrições até 15 de março, as Cátedras Santander são abertas a pesquisadores de referência internacional, nas diversas áreas do conhecimento, indicados por docentes da UFMG em exercício, por eméritos ou aposentados que exerçam atividades como voluntários na instituição. Há até duas vagas, com vigência de junho a novembro de 2018, e as atividades poderão ser desenvolvidas em períodos de sete a 30 dias. Os catedráticos receberão apoio logístico e operacional e deverão realizar conferências, palestras, reuniões e minicursos.

As Cátedras Fundep/leat são divididas entre as modalidades *Visitantes*, com permanência de sete a 19 dias, e *Residentes*, de 20 a 60 dias. O programa é destinado a pesquisadores reconhecidos internacionalmente em suas linhas de pesquisa e que já desenvolvam trabalhos em colaboração com professores residentes do leat ou com grupos de pesquisa consolidados da UFMG. Eles devem ser indicados por docentes da Universidade. Há previsão de pagamento de diárias. O prazo de inscrições será encerrado em 15 de março.

No caso do Programa Professor Residente, há seis vagas para docentes da UFMG em exercício e eméritos ou aposentados que desenvolvam atividades como voluntários na Universidade. Os professores devem ter contribuição expressiva na formação de recursos humanos e alta produtividade em atividades de pesquisa. O residente recebe apoio logístico e recursos para viagens e publicações. As inscrições seguem até 20 de março. Informações sobre os três programas estão disponíveis no site do leat (<https://www.ufmg.br/leat/>).

Da **REPRESSÃO** ao **ESPETÁCULO**

Tese da História investiga trajetória da Irmandade dos Carolinos, que resistiu à discriminação e se transformou em atração cultural em Belo Horizonte

Matheus Espíndola

Planejada como nova capital de Minas Gerais na esteira dos ideais de modernização do Brasil republicano, Belo Horizonte experimentou, em sua fundação (fim do século 19 e primeiros anos do século 20), forte processo de “higienização social”. A proposta de progresso da cidade a tornava incompatível com a presença de uma parcela da população que incluía os negros, libertos da escravidão havia pouco tempo.

“É escassa a figura dos negros nos registros da cidade na Primeira República”, observa a pesquisadora Wanessa Pires Lott, que, no ano passado, defendeu, no Programa de Pós-graduação em História da Fafich, a tese *Tem festa de negro na república branca: o Reinado em Belo Horizonte na Primeira República*.

“O estudo se voltou para a religiosidade desse povo, com foco na Irmandade dos Carolinos, fundada em 1917 e única entidade negra da qual encontrei vestígios documentais da época”, descreve Wanessa.

Ainda nos dias de hoje, as manifestações e festejos dos Carolinos, sediados desde os seus primórdios no bairro Aparecida, percorrem as ruas da região noroeste da cidade. Eles também são frequentemente convidados por outras comunidades religiosas a participar de seus festejos. Cerca de 50 descendentes diretos ainda moram no terreno da sede.

Além da análise dedicada ao período posterior à fundação da cidade, a tese evidencia a atual intenção de reconhecimento, por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), das irmandades como patrimônios culturais de Minas Gerais.

Cidade segmentada

Na formação da planta de Belo Horizonte, foi estabelecida uma zona urbana, circundada pela Avenida do Contorno (na época, Avenida 17 de Dezembro), que seria detentora de vários privilégios. Planejou-se ali a inserção de equipamentos como saneamento básico, telefone e água encanada. “A Contorno isolava a cidade ideal daquela caracterizada como pobre, perigosa e insalubre”, afirma Wanessa.

Nas zonas suburbanas, a distância em relação à metrópole também prejudicou o trânsito aos locais de fé católica, pois as capelas de Santana, de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Nossa Senhora do Rosário ficavam dentro do perímetro urbano. “A organização em irmandades foi uma solução encontrada pelos católicos moradores das periferias, onde prevaleciam os negros”, explica a pesquisadora.

As manifestações religiosas dessas comunidades, como apurou Wanessa, incomodavam a Igreja Católica. Em ata publicada no ano de 1926, o então arcebispo Dom Cabral proibiu as festas do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais.



Patrick Arley/Facebook da Irmandade

Manifestação da Irmandade dos Carolinos: título de patrimônio cultural não gera apoio material

A historiadora explica que, no caso da Irmandade dos Carolinos, a impossibilidade de se fazer o traslado do bairro Aparecida até um templo católico no perímetro da Avenida do Contorno demandou alterações na prática religiosa da comunidade. “O percurso foi então adaptado, com saída e chegada em um mesmo ponto. As dificuldades acabaram fortalecendo a identidade do Reinado”, observa Wanessa Lott.

Reconhecimento tardio

Décadas depois de terem sido reprimidos pelo Estado e pela Igreja, os congadeiros negros podem ser reconhecidos, oficialmente, como patrimônio cultural. Desde a década de 1930, existem agências oficiais de preservação da cultura nacional, mas o debate sobre a proteção ao patrimônio imaterial do país, a exemplo das festas das irmandades, surgiu somente na década de 1970.

Segundo a autora da tese, o Iphan já iniciou o processo para registrar os rituais dos Carolinos, mas ressalta que essa valorização, empreendida sob o ponto de vista do Estado, não tem seduzido todos os líderes das comunidades. “Para os Carolinos, o título de patrimônio cultural não faz grande diferença, especialmente porque não implica ajuda material. Eles, inclusive, incomodam-se com as formalidades e a burocracia inerentes a esse reconhecimento”, comenta Wanessa Lott.

Tese: *Tem festa de negro na República branca: o Reinado em Belo Horizonte na Primeira República*

Autora: Wanessa Pires Lott

Orientadora: Regina Helena Alves da Silva

Data da defesa: 26 de maio de 2017